



TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO PARÁ

Darlene Araújo Gomes/PPGE
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
lenegomes20@yahoo.com.br

Nádia Flausino Borges/PPGE
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
nanaflausino@hotmail.com

Hanna Melhem Netto/PPGE
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
hannamelhem@gmail.com

Otávio César dos Santos Borges/PPGE
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
otaviocesarte@hotmail.com

Idemar Vizzoli
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
idemarvizzoli@uft.edu.br

Introdução

A partir dos anos de 1980, a temática da educação do campo fez parte das discussões acadêmicas, especialmente em função do cenário sócio-político e das lutas dos movimentos sociais, tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG), o que fomentou a realização encontros de educadores para refletirem sobre a realidade da educação oferecida aos camponeses.

De acordo com Arroyo (2004), Caldart (2000) e Souza (2007), nos anos de 1990 ocorreram os primeiros Encontros Nacionais de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERAs), os quais configuraram novas experiências sobre a realidade da educação no meio rural, inclusive o surgimento da terminologia “educação do campo”. O conceito de Educação do Campo, por sua vez, surgiu como denúncia e como mobilização organizada contra a situação atual do meio rural e da



educação rural: miséria crescente, exclusão/expulsão das pessoas do campo; desigualdades econômicas, sociais e educacionais escolares.

Diante desse contexto, o SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino), como política pública educacional do Estado do Pará é direcionada à expansão das oportunidades educacionais em nível de ensino médio para a população escolar do interior do Estado, onde não existe o ensino regular, com vistas a garantir acesso e permanência dos alunos em suas comunidades, observando as diversidades encontradas no campo, florestas e aldeias do Pará.

Este trabalho socializa uma pesquisa realizada com os professores do SOME, pertencente à jurisdição da 15ª URE (Unidade Regional de Ensino), cuja sede localiza-se em Conceição do Araguaia, e atende a 13 municípios do sudeste do estado do Pará, onde o “circuito” (denominação dada às escolas próximas aos municípios da jurisdição) mais próximo está a 31 km, e o mais distante a 703 km. Objetiva mostrar através das memórias dos professores, os tempos e espaços percorridos, as trajetórias, percepções e análises sobre o contexto em que atuam, a sua relação com o lugar, com as comunidades, e como se situam em meio às condições materiais e ambientais dos espaços em que desenvolvem suas práticas pedagógicas.

A LDB/96 demonstrou um avanço no que diz respeito à inclusão do Ensino Médio na educação básica e também por proporcionar políticas educacionais voltadas para o campo. No artigo 28, esta lei aponta um direcionamento específico à escola do campo, quando preconiza que os sistemas de ensino deverão promover as adaptações necessárias às peculiaridades da vida rural e de cada região, com relação aos conteúdos, currículos e metodologias e também a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas.

Neste cenário, os professores que atuam no SOME são os protagonistas que se encarregam de diminuir as distâncias sociais e educacionais dos moradores das localidades assistidas.

A pesquisa, realizada durante o segundo semestre de 2013, a identificação de várias virtualidades na ação educativa que os professores investigados desenvolvem nas escolas do meio rural do sudeste paraense, o que consideramos muito significativas de serem registradas no presente artigo.



Metodologia

Na metodologia, optou-se pela investigação utilizando a História Oral, na modalidade temática, porque nos indicou melhor ferramenta para traduzir os sentimentos dos docentes que atuam nesta proposta pedagógica tão peculiar. Santos (2007) assevera que esta metodologia possibilita narrar o passado, a partir do olhar presente, incorporando experiências do narrador, do seu próprio agir cotidiano.

Para Alberti (2005), a História Oral é um método de pesquisa que privilegia o acesso a informações diretamente das fontes testemunhais; e esse método produz fonte, que são os depoimentos, as narrativas, as quais são colhidas através da técnica de entrevista.

Além dos estudos bibliográficos e análises documentais, realizamos entrevistas semiestruturadas com três professores¹, num universo de 68 profissionais; após a gravação em áudio e dos registros em notas de campo, foi feita a transcrição e a análise das entrevistas, procurando retratar fidedignamente os fatos e os sentimentos narrados e transmitidos pelos entrevistados.

Resultados e discussão

Os educadores que atuam no campo precisam desenvolver práticas interdisciplinares que possibilitem a aproximação dos conhecimentos escolares com as práticas sociais do lugar. A aprendizagem se torna mais significativa quando se coloca em prática o que está sendo estudado. Caldart (2000, p. 58) afirma que “os sujeitos serão obrigados a reconhecer as complexas relações que engendram a sua vida e a reflexão sobre os conhecimentos que a sustentam em um território epistemológico e social”.

No exercício de sua profissão, o professor encontra inúmeras dificuldades para pôr esses princípios e objetivos em prática, principalmente para articular os conteúdos necessários para garantir essa melhoria de vida, humanizar e emancipar os sujeitos do campo, conforme argumenta Fialho: “Eu gosto de fazer meu planejamento, não é na primeira semana, mas uns dez dias depois de chegar à

¹FEITOSA, Leni. -Coordenadora; FIALHO, Marcus Aurélio Pereira. - Professor de Biologia; MARINHO, José dos Santos. - Professor de Filosofia.



localidade, nas primeiras aulas, eu gosto de conhecer a realidade do aluno” (FIALHO, 2013).

Uma experiência bem-sucedida é contada com emoção, por Marinho: “Na localidade Pau Brasil, há alguns anos atrás, acabaram com a mata nativa, inclusive não tinha uma árvore próximo à escola, nós fizemos entender que tinha que fazer o reflorestamento na área, hoje essa paisagem está totalmente modificada.” O entrevistado continua a narrativa com entusiasmo: “Houve muita repercussão positiva dentro do município, foi muito gratificante, [...] foi um projeto que a sociedade, a comunidade, tão pouco atendida pelo governo, melhorou o meio ambiente [...] partindo da escola” (MARINHO, 2013).

Os trechos transcritos acima deixam transparecer a preocupação dos sujeitos em se localizarem no tempo e no espaço onde exercem a sua docência, em trabalhar os saberes necessários para na educação do campo, mas deixam também entrever a lacuna na formação profissional para o exercício pleno desta atividade, conforme enfatiza o entrevistado Fialho: “(...) sei que devemos levar em consideração a realidade do aluno, mas é difícil, daí a nossa luta para se criar um currículo, com propostas de como se trabalhar conteúdos adaptados para a realidade deles” (FIALHO, 2013).

Feitosa demonstra sua angústia, quando se refere ao acompanhamento pedagógico dos professores que atuam no SOME: “O nosso maior entrave, na visão administrativa é justamente capacitar o professor, fazer ele perceber que a modalidade do campo é diferente da modalidade da educação da cidade” (FEITOSA, 2013).

Sobre as condições de trabalho encontradas pelos professores, Marinho (2013) afirma que: “As condições são precárias, do campo como um todo, damos aula debaixo de árvores, em balcões, em igrejas, improvisamos dessa forma. Só em algumas localidades usamos a escola municipal”.

Conhecer as memórias e as trajetórias narradas pelos professores do Sistema de Organização Modular de Ensino apresenta-se como valioso instrumento para se repensar uma concepção de prática pedagógica que inaugure a relação entre educador, educando e comunidade, como antecipadora do encontro ou da



situação problematizadora da educação; assim, o professor, ao narrar sua história, poderá usar essa autorreflexão para planejar suas ações futuras.

Conclusão

Buscou-se penetrar no universo dos professores do Sistema de Organização Modular de Ensino, que paralelamente em oposição às condições materiais e ambientais, constroem inúmeras experiências pedagógicas na educação do campo e que defendem o meio rural como espaço de diversidade cultural e identitária, nos limites da resiliência.

Constatou-se que as experiências narradas, configuram um universo de conflitos e contradições encontradas na prática exercida nos mais variados contextos, diante das inúmeras dificuldades para pôr os princípios e objetivos da educação do campo, principalmente em articular os conteúdos necessários para garantir a melhoria de vida, humanizar e emancipar os sujeitos do campo.

Referências

ALBERTI, Verena. Manual da História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ARROYO, M.; CALDART, R. S. e MOLINA, M. C. Por uma educação básica do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da educação. Lei nº 9.394, 1996.

CALDART, R.S. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FEITOSA, Leni. Entrevista concedida a Darlene Araújo Gomes. Conceição do Araguaia (PA), out. de 2013.

FIALHO, Marcus Aurélio Pereira. Entrevista concedida a Darlene Araújo Gomes. Conceição do Araguaia (PA), out. 2013.

MARINHO, José dos Santos. Entrevista concedida a Darlene Araújo Gomes. Conceição do Araguaia (PA), out. de 2013.

SANTOS, S. M.; ARAÚJO, O. R. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. Cadernos de História da Educação. v. 6, Uberlândia, Jan/Dez, 2007, p. 191 - 201.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do Campo: propostas práticas pedagógicas do MST. Petrópolis: Vozes, 2007.
